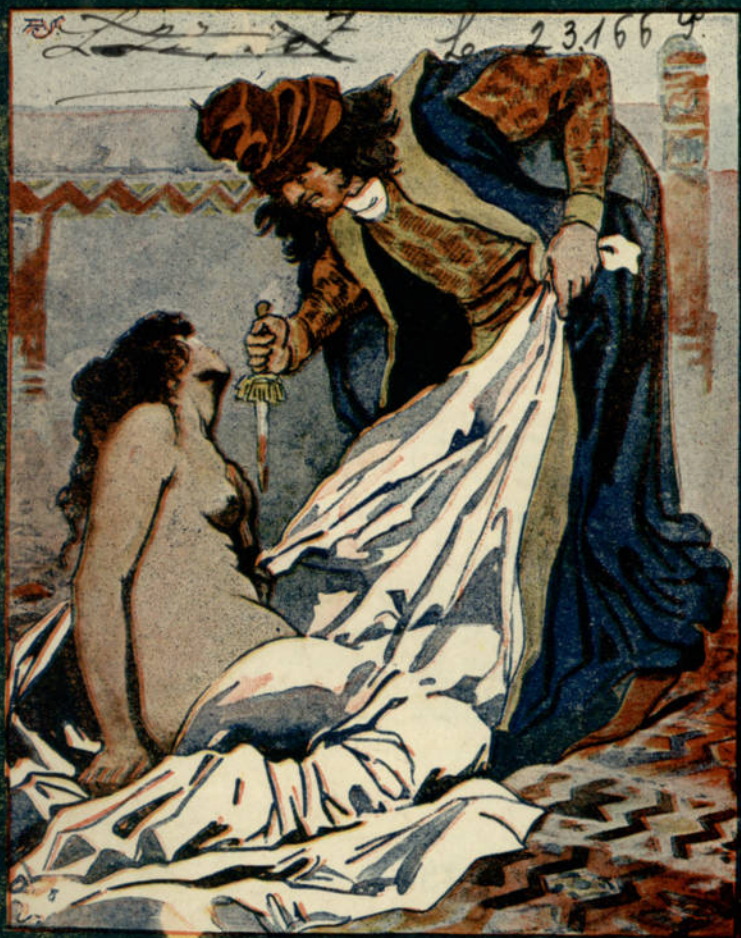


OS GRANDES AMORES DE PORTUGAL



ROCHA MARTINS

SANGUE DE INÊS DE CASTRO

COLEÇÃO HISTÓRIA

II SÉRIE



L. 23.166-9.

DEP. LEG.

ROCHA MARTINS

DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS

R. 106809

OS GRANDES AMORES
— DE PORTUGAL —



O SANGUE
DE INÊS DE CASTRO

CAPA ILUSTRADA POR
ALBERTO DE SOUSA

VOL. I—2.^a SÉRIE

COLEÇÃO «HISTÓRIA»
— RUA DO ALECRIM, 61 —
— LISBOA —
EDIÇÃO DO AUTOR

Os Grandes Amores — de Portugal —

TÍTULOS DOS CAPITULOS:

- I — O Sangue de Inês de Castro.
- II — A Neta da Rainha Santa.
- III — A Madrasta de D. João III.
- IV — As Paixões do Venturoso.
- V — O Drama de Santa Engracia.
- VI — D. Guiomar de Marialva.
- VII — A Freirã de D. João VI.
- VIII — D. Maria de Penha.
- IX — O Desterrado.
- X — As Cómicas de El-Rei.
- XI — A Távora.
- XII — A Amada do Regente.

Heróis, Santos e Mártires — da Pátria —

TÍTULOS DOS CAPITULOS:

- I — Santo António de Lisboa.
- II — D. Francisco de Almeida.
- III — Os Jesuitas martirizados.
- IV — 1640.
- V — Cadafalsó do Duque de Caminha.
- VI — O Suplício de D. Duarte de Bragança.
- VII — Matias de Albuquerque.
- VIII — O Conde de Vila Flôr.
- IX — D. Manuel de Portugal.
- X — Os Fuzilados de Campo de Ourique.
- XI — O Marechal Saldanha.
- XII — Duque da Terceira.

Comp. e impr. na

Rua do Alecrim, 61

— LISBOA



PRIMEIRO QUADRO

A FASCINADORA

PARA D. Fernando I, a infanta D. Beatriz não era a sua meia-irmã, a filha de seu pai e dos trágicos amôres de Inês de Castro. Lindíssima, duma formosura que recordava a da mãe, mais enaltecida pela lenda, conturbara de tal modo o ânimo do rei que mal a podia deixar. A côrte espreitava-lhe a paixão, a definir-se sem êle querer, mas impossível do domínio, sequer do disfarce aos olhos palacianos.

Alta, branca e loira, os geitos gracios de princesa amimada, a filha de D. Pedro I luzia as galas do nascimento e a beleza estonteante transtornadora para quem a fixasse.

Aquêl poder secreto, o influxo que a morta poderosamente exercera na alma do ardente príncipe, por cujo amôr fôra sacrificada, parecia ressuscitado na mulher tornada árbitra do paço ante a fascinação súbita do monarca.

Boquejava-se que a amava.

O SANGUE DE INÊS DE CASTRÔ

Senhor do reino de erário atulhado, que o pai lhe deixara em herança, isento da rudeza de fragoeiro dos reis seus ancestrs, teria admirado o avô de modos rudes e bárbaros, o fero e implacável filho da Rainha Santa.

Se o pai, D. Pedro I, nas horas de seu fim, pudesse vê-lo com os olhos proféticos dos que morrem em serenidade, como lhe preferiria o outro fruto do seu amôr carnal: o Mestre de Avis!

No fundo, os que êle bem amava, eram os de Inês de Castro: D. João, excitado, cheio de afan e de audácia, mostrando nos ímpetos o desequilíbrio do progenitor e na esbelteza a graça materna; D. Dinís, mais moço, o senho carregado de orgulho à menor insinuação que pudesse gerar o seu alarme, de resto fácil; D. Beatriz, excelsa e divina promessa de feiticeira de amôr como fôra a linda, a adorada, a encantadora mãe que, por tanto amar, morrera em suplício.

O sucessor, o que ia subir ao trôno, não o pudera o monarca vêr com seguro golpe de análise.

Desmerecia da raça afonsina.

Era muito gentil como se o pai, no momento dos seus afagos geradores, tivesse evocado a amante deliciosa ao beijar a rainha ciumenta; em vez das barbaças respeitáveis dos reis da sua dinastia, usava a cutis escañoada e curtos os belos cabelos. Seus lábios eram vivos e sensuais; a tez clara, castanhos e meigos os olhos e porque, realmente, cativava com sua presença, chamavam-lhe o *Formoso*. Tanta distinção natural ressaltava de seu porte que «posto conhecido nom fôsse, logo o julgariam rei dos outros», dizia o cronista

O SANGUE DE INÊS DE CASTRO

nada propenso a exaltá-lo mas não podendo negar que, embora de aspecto pouco viril, em comparação com os antepassados, sabia bater-se em justas sendo «toureador e lançador atavalthoado e muyto braceiro que nom achava homem que mais o fôsse».

Com isto, não ocultava as suas preferências pelos perfumes e atavios, sua sensibilidade extrema, as circunstâncias próprias desses temperamentos em que morre a decisão onde começa a fantasia e a volubildade dos espíritos afeitos a bem apetercer e melhor conseguir.

Se não fôsse soberano, do mesmo modo obteria o que a sua alma ansiasse, com vontade, para logo pôr de lado, saciando-se depressa, fatigado do mesmo objecto de posse ou de subtil amôr.

D. Beatriz, tornada o seu enlêvo, dir-se-ia esquecida do parentesco que os ligava; talvez que uma atracção infinita em parelha com a régia supremacia, a vaidade de ser cortejada, a ambição do domínio existente em todas as mulheres, a levasse a deixar-se atrair pelo irmão naqueles amplexos, demorados em demasia, para serem fraternais.

Murmurava-se ante o requinte de tantas carícias. Sentia-se que el-rei não se demorava já muito tempo nas suas caçadas, desde que a filha de Inês de Castro crescera em gentilezas e se comprazia em seus beijos.

Ele, tão amigo das esperas com falcoeiros e matilhas, não encontrava nos matos o «sabor e desenfadamento» outrora tão notado nos regressos quando, de faces afogueadas, excitado pelas correrias e pelo ar vivo dos campos, contava como se detivera no vôo uma

O SANGUE DE INÊS DE CASTRO

abetarda ou simples pomba, presa dos seus adextrados falcões e ainda como bôtera raposas e lebres, entre urzes, nas brenhas.

Mudara. Por vezes, espalhava-se-lhe um palôr, logo dissipado, na face formosa, e, entrando na recâmara da esbelta e linda filha de Inês de Castro, da sua meiga irmã, tomava-a nos braços e beijava-a na bôca tão fresca como as rosas intantis dos jardins paçãos.

Os áulicos sussuravam que el-rei amava incestuosamente.

A infanta era rica de cem mil libras; formosíssima, aureolava-a a desdita materna; os galãs demoravam-se a sonhar com o seu amôr; porém, afastaram-se diante da assiduidade do soberano.

Por fim não a largava. Os irmãos dela, D. João e D. Dinís, se apareciam no paço, folgavam com a côrte assídua em volta da maravilhosa senhora cujos destinos bem podiam influir nas suas existências.

Ambos ambiciosos, decerto se imaginavam fadados para as mais altas situações, as quais só podiam ser as do trôno. D. João era o mais velho. Não se julgaria distante do sólio desde que o monarca ensandecesse a ponto de se querer tornar o marido da irmã. D. Dinís, cheio de orgulho, espreitaria a ocasião para o protesto violento. O drama tecia-se com paciência, como se um bando de aranhas colossais o enredassem na sombra dos dois corpos que se uniam em abraços carinhosos, diziam uns; lúbricos, afirmava a maioria.

O sangue da filha de Inês de Castro escaldava os sentidos do filho de D. Pedro I.

Iriam reproduzir, incestuosamente, a apavorante scena do passado?

O SANGUE DE INÊS DE CASTRO

Êle era perdulário, desbaratava às mãos rotas o recheio pingue do erário real; atirava o dinheiro, loucamente, como se alguma coisa de cruel o alucinasse e que devia ser o ardor estranho e culpado ante a irmã fascinadora. Parecia querer deslumbrá-la; mais, vencê-la, possuí-la em alma e corpo, sem que um vago pensamento dela pudesse aflorar para outrem. De resto, na sua prodigalidade havia, também, o desejo de dar nas vistas, da teatral exibição das suas riquezas e poderio.

D. Beatriz influia muito no seu ânimo neste período em que a desejava, estonteado e doido; porém quisera fazer a guerra, para a qual não tinha as qualidades de chefe, e sentira-se obrigado a retirar ante a investida das hostes de D. Henrique II de Castela.

D. Alvaro Pires de Castro, o tio da beleza que o seduzia, agüentara o embate dos invasores enquanto o rei fugia para o Porto.

O castelhano passava como um tufão nas províncias do norte; avassalava, destruía, mostrando os seus recursos, e se o rei moiro de Granada não tivesse levantado o pendão insurreccional D. Fernando talvez perdêsse metade do seu reino.

Dêste modo, assinou as pazes em Alcoutim e deliberou casar-se com D. Leonor de Castela, filha do rei vencedor. Era a prova de que se submetia, êle, tão tonto de paixão pela magnífica beleza da infanta, a qual, diante da attitude do namorado príncipe, quisera deixar a côrte.

O rei de Portugal, noivo da herdeira do país vizinho, não era bem o príncipe amoroso que vira a seus pés. Êle, porém, entrara a persuadí-la dos motivos poderosos que o levavam a

O SANGUE DE INÊS DE CASTRO

aceitar tal promessa de enlace, a qual de prometimento não passaria.

Pois não entrara também em combinações esponsalícias com a filha do rei arago-nês? Acaso casara a-pesar do monarca ter aprisionado o seu embaixador, Afonso Baraceiro, e todo o oiro que levava, grande parte de que continha o real Tesouro?! Não. Daí o dar-lhe a certeza de que tal casamento estava bem longe, tanto mais sendo a noiva uma criancinha. Tratava-se de aplacar as iras formidáveis do castelhano.

Amôr?! Só o tinha por quem tanto o interessava, o que via, rendido, de rastos, apete-cendo-a e receando-a não fôsse cair no grande crime do incesto. Mas como evitá-lo?!

E, desoladamente, em horríveis desesperos, D. Fernando I alucinava-se.

Havia uma maior expectativa na côrte. A infanta, cada vez mais formosa, sobressaía entre todas as grandes belezas que lhe assistiam e eram muitas.

Junto dela, feliz de suas graças, calma em sua virtude, estava uma dona, viúva de vinte e dois anos, a linda D. Maria Teles de Meneses, em cuja família passara um drama de amôr e, embora as suas consequências tivessem ficado mais em segrêdo, pareciam-se com as da tragédia de Inês de Castro (!). Era grande amiga da infanta; decerto se perturbava com as atitudes do rei e buscava salvar a donzela do horror entrevisto, tanto mais que o irmão desta, o infante D. João, andava a requestá-la.

Nova, linda, ambiciosa duma posição que

⁶² (1) *A Neta da Rainha Santa* — Colecção «História», 2.^a Série.

O SANGUE DE INÊS DE CASTRO

o príncipe lhe poderia dar, ela, provinda de nobilíssima raça, viúva do grande fidalgo Lopo Dias de Sousa, que lhe deixara um filho, não se sentiria inferior ao primogénito fruto da paixão de Pedro I. E, então, com habilidade e com esperanças de vitória, D. Maria Teles estremeceria de medo cada vez que o soberano se aproximasse da galante Beatriz, dia a dia mais assediada.

Um momento chegou em que êle mal pudera conter as suas torturantes sêdes de desejo; porém, ao mesmo tempo, entrava pela porta do paço de Apar-de-S. Martinho, uma mulher alta, elegante, de olhos garços e cabelos ruivos, a pele branca semeada, aqui e ali, de grãosinhos graciosos, esplêndida, maravilhosa, parecendo luzir um diadema na cabeça altiva com a sua cabeleira côr de cobre vivo.

Chamava-se D. Leonor Teles de Meneses; era casada com João Lourenço da Cunha e irmã de D. Maria Teles que a apresentou ao rei talvez no instante em que êle estava à beira do crime da sua paixão incestuosa.



o príncipe lhe pedira dar, e a provinda de
 nobilissima face, vivia de grande fidalgo
 Longo lha de Sousa, que lhe deixara um li-
 lho, não se sentira inferior ao primogénito
 lha de paião de Pedro I. E, então, com ha-
 dilidade e com esperanças de vitória, D. Ma-
 ria Teles estrementeira de modo cada vez
 que o sobrance se aproximasse da galante
 lhaix, dia a dia mais azebidada.

Um momento chegou em que elle mal pu-
 deia conter as suas torturantes sédes de de-
 sejo; porém ao mesmo tempo, estava pela
 porta do paço de A. par de S. Martinho, uma
 mulher alta, elegante, de olhos varcos e ca-
 belos ruivos a pelo branca senhada, aqui e
 ali, de gestos e graciosos, esplendidos, ma-
 ralhosa, parecendo luxir um diadema na ca-
 beça alva com a sua cabelista cor de copre
 vivo.

Chamava-se D. Leonor Teles de Meneses,
 era casada com João Lourenço da Cunha e
 irmã de D. Maria Teles que a acompanhara ao
 rei. Talvez ao instante em que elle estava á
 beira do crime de sua paixão incestuosa.





SEGUNDO QUADRO

A CATIVA

○ UTRO amor brotara; êste, porém, tão fulminante que tudo esquecera.

D. Leonor Teles fizera o milagre de afastar dos braços do rei a adorável D. Beatriz. Causou pasmo e escândalo; transformara mais a côrte. A irmã, cheia de indignação, abandonara-a, não querendo ouvir mais as confidências do soberano, que exigira o desquite da feiticeira, para se consorciar com ela ⁽¹⁾.

Olvidou-se o pacto com Castela; renegaram-se as combinações. A infanta, filha de D. Henrique, foi desdenhada, e a rainha de Portugal passaria a ser aquela mulher alta, esplendente, arrebatante, entrada no paço na manhã em que D. Fernando tanto sofria de amores culposos.

Os infantes, D. João e D. Dinís, tomaram as suas decisões diante do que se preparava. Os

(1) *Flôr de Altura* — Colecção «História», 1.^a Série.

O SANGUE DE INÊS DE CASTRO

Castros viam aparecer, perto da nova encantadora, o ramo dos Teles ávidos de mando.

O reino ardia em cruenta guerra. O povo excitava-se nas cóleras mais violentas. Quando o primogénito de D. Inês vira a derrota da irmã no coração do soberano, casara-se com D. Maria Teles, deixara-a no solar que ela habitava em Coimbra e perdera-se nas intrigas.

D. Dinís seguira outro caminho, por ventura menos criminoso mas também menos patriótico.

D. Leonor Teles reinava na alma e na carne do que se tornara seu marido; não receava as rivais, mal podia temer quem lho disputasse.

A infanta D. Beatriz ficara no palácio; era dia a dia mais bela; porém, não a incomodava. O inconstante esquecera-a.

Talvez, mesmo desde que as carícias voluptuosas da nova mulher o prendiam e o estonteavam, repelisse de seu cérebro a idéia doída que tanto tempo o pungira. A irmã, a-pesar-de tôda a sua beleza — ou antes porque a possuía — devia aparecer-lhe como uma dessas visões turbadoras do demónio nos refúgios dos ascetas.

Para a outra iria, além da sua paixão formidável, o agradecimento por tê-lo salvo de semelhante crime. Ligando-se-lhe cada vez mais, seu coração refrescava-se dos ardores antigos; palpitava com mais fôrça mas em menos desesperos, enquanto não o turbasse o ciúme. D. Fernando devorava-se de paixão. Agora só tinha olhos para a beleza da encantadora, sempre destacada entre as mais formosas.

Cercava-se de esplêndidas e garridas da-

más è donzelas; parecia uma deusa com a sua côrte e receava tão pouco as outras que não havia graça feminina longe da côrte; antes as procurava, as conduzia para junto de si como a mostrá-las ao rei para que escolhesse, entre tantas, a mais fascinadora.

È êle, mais alucinado de que no tempo em que amava a irmã, sorria-lhe, afirmando só poder querer-lhe, a ela, carne de tentações, olhar dominador, maravilhosa mulher que Deus lhe mandara para a sua felicidade.

A infanta, em todo o esplendor da mocidade, já lhe aparecia como a perfeitíssima obra do demónio.

O volúvel jámais a olharia com desejos. D. Leonor Teles causara algum bem na sua vida de maldades.

Entretanto a guerra prosseguia. D. Henrique II obtinha as vitórias; ganhava as acções e chegava a pôr cêrco a Lisboa.

Èle era também filho dum amôr culpado que se ligava com a côrte de Portugal⁽¹⁾. Seu pai, D. Afonso XI, espôso da irmã de D. Pedro I, a rainha D. Maria, abandonara-a pelas prendas, donaire e encantos da excitante D. Leonor de Gusman.

A soberana preterida nem sempre levava a vida chorosa; não pudera esquecer, durante a vida do espôso, como êle a trocara pela formosíssima rival da qual haveria numerosa prole.

Em Portugal desenrolava-se o dramático assassinio de D. Inês de Castro, cuja filha teria, de futuro, um papel junto dum dos des-

(1) *A Neta da Rainha Santa* — Colecção «História» — 2.^a Série.

Ô SANGUE DE INÊS DE CASTRÔ

cedentes da amante do rei castelhano, desprezador da mulher pelas ternuras da amante.

O filho legítimo, D. Pedro, a quem chamariam o *Cruel*, herdeiro do trôno, pouco valia ante a cegueira paterna. A fascinadora deralhe mais filhos: os gémeos Henrique e Fradique, Fernando, Telo, João, Sancho, Pedro e a infanta D. Joana. Eram êstes os futuros óbices à marcha do govêrno do sucessor de D. Afonso XI, filho da rainha sua mal-querida e que em outra paixão procurara lenitivo.

Quando o monarca deixou o mundo, o seu herdeiro começou a vingar a mãe e a conquistar o seu cognome.

A matança iniciou-se. Alguns dos irmãos do monarca fôram imolados. Um dêles, Henrique, conseguiria vencê-lo e apossar-se do trôno.

O *Cruel* acabara terrivelmente assassinado numa cilada. O vencedor era aquêle rei que avançara sôbre Portugal e acabara por vêr D. Fernando à sua mercê.

Não lhe restava da família mais do que dois irmãos, escapos à fúria do malvado D. Pedro I, e um deles chamava-se D. Sancho. Amava-o; preferia-o; fôra o nono fruto dos amores de D. Leonor de Gusman com Afonso XI e o soberano quisera, ao cabo de tantos trabalhos, enriquecê-lo, dotá-lo, dando-lhe em casamento alguma filha do rei digna do seu nascimento e da sua mão.

Concedeu-lhe o condado de Albuquerque e os senhorios de Haro, Briones, Belherado, Cerezo, em terras de Rioja, e as vilas de Medelin, Ledesma, Codosera, Azagala, Alconchel, Alconeta, Villalõ e outras. Amerceava-o com as honras de alferes-mór quando falecera

o conde D. Telo, irmão de ambos, e sonhara para êle altos destinos.

Os Gusman deviam gozar, ao cabo de tantas infelicidades, os direitos que lhes competiam.

D. Henrique, não meditando nas promessas do rei de Portugal, ao jurar-se a paz em 1373, exigira um penhor para a aliança que ambos diziam desejar: o casamento de D. Sancho, conde de Albuquerque, com uma infanta portuguesa.

Só havia solteira, além da pequenina D. Beatriz, a tia desta, a filha de D. Inês de Castro, que tanto dera que falar na côrte pelos incestuosos amores mal occultos.

Foi em Santarém que os noivos se encontraram e o deslumbramento deu-se. O Senhor de Albuquerque ficou rendido pelas graças da infanta que lhe apresentavam por noiva. Não era o único; em presença do castelhano, os galãs portugueses sofriam derrota mais dolorosa que a dos campos de batalha.

Henrique II procurava, ainda, jungir mais por laços de família o inconstante soberano português e não se continha sem lhe pedir a mão de uma filha que lhe ficara de uns amores antes do casamento e a qual destinava ao conde D. Afonso. Êste era igualmente bastardo; porém, acrescentá-lo-ia em bens capazes de contentar o volúvel.

Chamava-se ela a condessa D. Isabel, porque o título dado ao rebento dos amores do soberano castelhano foi o de conde de Gijon e Noronha e desta família proviria o futuro arcebispo de Lisboa, D. Pedro de Noronha, e a segunda mulher do primeiro duque de Bragança.

Ô SANGUE DE INÊS DE CASTRO

Em grande luzimento decorreram as festas do consórcio da filha de Inês de Castro. O noivo apressava-se em conduzir para os seus domínios a mais bela das mulheres salva a um criminoso desejo.

O rei de Castela julgava definitivamente assentes as pazes e entretinha-se a visionar as suas batalhas decisivas para expulsar os mouros desde que estivesse tranqüilo em relação aos intuitos dos portugueses.

Deixava Lisboa numa ruína após o cêrco; conduzira consigo as melhores prêsas; não faltavam os despojos aos invasores e ainda, para cúmulo de tantas vitórias, era arrebatada de Portugal a mais bela das mulheres.

Aquêlê enlace não tinha o ar de um consórcio mas sim da cedência de mais uma prêsas de guerra. O marido levava-a como a um refém, prêsas no grilhão com o oiro do seu dote, escravizada a um desconhecido, tendo deixado um rastro de admiradores.

D. Sancho de Albuquerque vira, na espôsa, uma maravilhosa figura feminina, um estonteamento para os seus sentidos, um grande presente do irmão dominador que não só deixava Portugal vencido, a pagar tributos de guerra, mas ainda lhe entregava uma das suas mais belas deidades.

O filho de D. Leonor de Gusman, cujo pai torturara a irmã de D. Pedro I, era o espôso da filha dêste rei, sobrinha da vítima. O sangue de Inês de Castro ia ligar-se ao da mulher que fôra tão linda como ela, mas tivera sorte diferente porque mandara, estivera junto do trôno, sabendo arrastar consigo um rei como se fôsse o pagem da sua beleza.

E porque assim praticara gerara-se no cé-

O SANGUE DE INÊS DE CASTRO

rebro de D. Afonso IV a idéia do suplício da fascinante dama que lhe cativava o filho.

Contemporâneas e lindíssimas, ambas dominadoras das almas de príncipes, uma imolada pelo ferro, a outra torturada no castelo de Carmona, mal poderiam imaginar que o sangue de ambas, tão sedutoras e tão infelizes, se ligaria ao cabo de alguns anos.

E, no entanto, para uma raça de amorosas, era triste aquela união na qual o amôr não entrara.

D. Beatriz, condessa de Albuquerque, era uma soberba cativa.





TERCEIRO QUADRO

A DESCENDÊNCIA DA IMOLADA

MA correria para ela a vida; pelo menos passava-a enfastiadamente. E' que não amava o marido e saíra duma côrte onde a adoravam para a subalternidade de um condado como o de Albuquerque.

Henrique II viajava pelos seus estados a arrastar os séquitos numerosos.

Para demais, anunciava-se a guerra com o duque de Lencastre, que disputava a corôa ao rei castelhano em nome de sua mulher D. Constança, filha do vencido e assassinado Pedro, o *Cruel*.

Arvorava os pendões reais, dispunha-se a tomar o território e o monarca deliberara reunir as suas gentes para o encontro formal contra o bravo, excêntrico e opulento britânico.

Largou, o conde de Albuquerque, para

Ô SANGUE DE INÊS DE CASTRÔ

Burgos onde deviam reunir-se as companhias. A espôsa ficara só, naturalmente a recordar aquêles beijos incestuosos que D. Fernando de Portugal lhe dera antes de conhecer D. Leonor Teles que o arrastava para o abismo. Os povos continuavam exacerbados contra a feiticeira.

D. Sancho largara para a cidade onde se realizava o ajuntamento dos guerreiros e deixara-a grávida no seu solar.

Os fidalgos orgulhosos julgavam-se cada um com maiores direitos às aposentadorias e os seus homens de armas tumultuavam à mais breve queixa. Ensaivavam-se em lutas entre si contra o inimigo; à menor palavra erguiam-se em fúrias e, puxando das espadas, arremetiam colèricamente uns contra os outros.

Era num domingo de Fevereiro. Os soldados buscavam acantonamentos em melhores condições e os do príncipe real D. João julgaram-se no direito de escolher os de mór tomo, visto pertencerem às hostes do herdeiro do trôno.

Saltaram-lhes ao caminho os da falange de Albuquerque, ciosos de lhes tomarem o passo, visto serem dos ases do alferes-mór do reino, irmão do soberano.

Em breve rixavam; bulharam num enorme tumulto; insultando-se e clamando, atiravam-se uns contra os outros no entrechoque dos ferros das armaduras e dos montantes e tão atroadoramente que o conde de Albuquerque, acordando em sobressalto, na sua pousada, tomou, à pressa, um bacinete, envergou um tabardo, que não era seu, e, correndo para o tumulto, quis evitá-lo de sua autoridade.

Naturalmente, sob aquelas vestes, desco-

O SANGUE DE INÊS DE CASTRO

nhecidas dos furiosos combativos, impôs-se o erro dum senhor habituado a ser obedecido; porém, os mais audazes enfrentaram-no com a rapidez de quem melhor procuraria luzir-se. Eram êles Fernando de Mendonza, Rodrigo Verdulaza, Inigo Dias de Arias, Juan de Mendonza, Pedro de Foronda e Sancho Dias Salazar que não se detiveram ante o ímpeto do cavaleiro e o acometeram.

Deixaram-no morto no campo e, quando o descobriram, sentiram horror do seu acto.

Tinham abatido o irmão do rei, que deixava viúva, a um ano do seu consórcio, a filha de Inês de Castro, linda como a mãe fôra, pejada de meses e ainda entontecida pelo seu amor incestuoso.

A condessa de Albuquerque soube que tinham sido condenados à morte os assassinos, ouvira de seus bens confiscados para a Câmara real e mais nada.

Meses depois dava à luz uma menina que se chamou Leonor, a qual, sendo riquíssima e de tão alta estirpe, devia estar fadada para grandes destinos.

Recolhida no seu castelo, D. Beatriz sentia-se mais amesquinhada à medida que a filha crescia e dela se apossavam os parentes por banda do pai, os da realeza.

Era aquela fidalguinha a herdeira do título e dos bens e de tal modo a sentiam opulenta que, embora fôsse criança, já lhe chamavam a *Mulher Rica*, como se em Castela não houvesse outra com tantas terras, fortalezas e oiro.

Para demais era bela. Se herdara do pai as riquezas, da mãe e dos avós houvera a formosura mais realçada pela nobreza e porte porque D. Leonor de Albuquerque mostra-

O SANGUE DE INES DE CASTRO

va-se esbelta, magnífica, duma grande majestade.

A mãe, saudosa, recebia notícias de Portugal, entrevendo o desmoronar dum reino nas mãos da sua sucessora no coração leve de D. Fernando, que tão pecadora e ardentemente a amava, a ela, quando tudo esquecia perdido nos cálidos beijos da filha de Inês de Castro, cujo sangue não parara de latejar gerando tragédias.

Quando morreu o rei D. Henrique, sucedendo-lhe seu filho D. João, o vencido de Aljubarrota, e logo Henrique III, decidira-se o casamento da *Mulher Rica* com o infante D. Fernando, irmão do monarca.

Era primo da noiva e só êle a merecia, desde que o soberano com outra princesa se consorciara.

O infante era uma criança sem idade para outorgar no consórcio e, por demais, ainda havia palavra dada para não o poderem casar antes dos catôrze anos, devendo ser o noivo da filha do duque de Lencastre conforme as letras dos tratados do tempo de D. João I. Cumpria-se o tempo. Pôde matrimoniar-se quem lhe sucederia se acaso morresse antes da união com a filha do britânico e, dessa hora em diante, a neta de D. Inês de Castro chamou-se a Condessa Infanta.

Estava realmente destinada a uma corôa de maior vulto a *Mulher Rica*, cunhada do rei de Castela. O marido passara de conde de Albuquerque a rei de Aragão e, assim, foi rainha a descendente da que morrera ao julgarem-na muito perto de um trôno.

D. Leonor de Albuquerque teve dos seus amores filhos notabilizados sob o título dos

O SANGUE DE INÊS DE CASTRO

Cinco Infantes de Aragão e de duas filhas que reinaram.

O primeiro daqueles infantes, D. Afonso, sucedeu nas corôas de Aragão e Sicília, conquistou Nápoles sendo herói que não desmereceu do sangue dos avós.

O segundo, D. João, duque de Penafiel, casou com D. Branca de Navarra.

Partilharam a corôa dêste estado e também a dos reinos de seu irmão mais velho, morto sem descendência.

Chamava-se Henrique, o terceiro infante de Aragão, ao qual coube a categoria de Mestre de S. Tiago, sendo, depois, duque de Vilhena, representando um enorme papel na sua época.

Usou o nome de D. Sancho, como o avô, o quarto infante, nascido da neta da imolada amante de D. Pedro de Portugal. Deram-lhe o título de Mestre de Alcântara e, governando a sua Ordem durante sete anos com muito acêrto, acabou como um cavaleiro honrado.

O último dêstes celebrados infantes, D. Pedro, conde de Albuquerque, morreu a bater-se em Nápoles e não deixou sucessores para lhe continuarem a bravura.

A êste tempo já sua irmã, D. Maria, era rainha de Castela como espôsa de D. João II, sendo a mãe do futuro Henrique IV em cujas veias corria o sangue de Inês de Castro.

D. Leonor, a mais nova, casou com D. Duarte, o soberano português melancólico e infeliz.

Dêste modo, a bisneta da que «depois de morta foi rainha» teve sôbre a sua cabeça a corôa da qual fôra afastada pelos bulhões dos assassinos a mais bela das mulheres e que

O SANGUE DE INÊS DE CASTRO

um outro amôr, o de D. Leonor Teles, arrancara da frente de sua avó, a lindíssima D. Beatriz.

Ao pai da nova rainha, D. Fernando, tinham chamado o *Justo*; à mãe, a *Mulher Rica*; ela viveu numa grande ansiedade de riquezas e de mando. Passou num momento de lutas. Impulsionou o marido para onde êle não desejaria ir e deveu-se-lhe a morte do Infante Santo (1), abandonado em terras da moirama.

O Infante D. Henrique não parava senão nas conquistas de Além-Mar, querendo assenhorear-se das terras misteriosas, e, quando começava a vêr o produto das suas acções, de audaz e vidente, oferecera à rainha deixar em herança a seu filho D. Fernando todos os bens alcançados desde que ela o ajudasse para se aumentar a expedição a Marrocos. D. Leonor falou ao espôso na riqueza que caberia àquêle filho afastado do sólio real e o melancólico aceitava a idéia morrendo, depois, tomado de remorsos, ao vêr o irmão mártir e cativo em poder dos terríveis inimigos.

Esta soberana não devia sentir nas veias os glóbulos amorosos que tornaram tão apaixonada a bisavó. Esta amara um príncipe loucamente; D. Leonor nem adorava os filhos como uma mãe vulgar porque os deixou em poder do Regente quando percebeu que não lhe concediam a ela o direito de governar quando o espôso morrera.

Batida, escorraçada, internou-se em Castela procurando auxílios sempre prometidos e negados. Os infantes de Aragão, em luta com

(1) O *Vedor de Sagres* e O *Cavaleiro da Morte* - Coleção «História» - 1.ª Série.

O SANGUE DE INÊS DE CASTRO

D. Alvaro de Luna, o favorito real, perdiam o prestígio e difficilmente poderam ajudá-la na reconquista do trôno do qual a expulsavam por estrangeira.

Acabou vendendo as últimas jóias e, recolhida numa velha casa de Toledo, soluçava pelos filhos abandonada, vivendo de esmolas do conde de Vila Real, governador de Ceuta.

Como intrigasse, finou-se misteriosamente, dizem que envenenada por ordem do condestável de Luna.

O sangue de Inês de Castro, borbulhando num amôr incestuoso, o da D. Beatriz, condessa de Albuquerque, continuara a gerar tragédias, pois desaparecia na miséria a filha da *Mulher Rica*.



Alvaro de Luna, o favorito real, perham
 o prestígio e dignamente poderam aida-la
 na reconquista do trono de qual a expulsavam

por estranhos.
 Acahou vendendo as ultimas jóias e re-
 cobria numa velha casa de Toledo, soluçava
 pelos filhos abandonada, vivendo de esmolas
 do conde de Vila Real, governador de Ceuta.
 Como intrigasse, finou-se misteriosamente,
 a dizem que envenenada por ordem do conde-

Castel de Luna.
 O sangue de Inés de Castro, bordalhando
 num amor incestuoso, o da D. Beatriz, con-
 duzida de Albuquerque, continuava a gerir
 a trágica, pois desapparecia na miséria a filha

de D. João I.

mas quando a vida se acabou, a filha
 de D. João I. e Beatriz, a filha
 de D. João I. e Beatriz, a filha
 de D. João I. e Beatriz, a filha

de D. João I. e Beatriz, a filha
 de D. João I. e Beatriz, a filha
 de D. João I. e Beatriz, a filha
 de D. João I. e Beatriz, a filha

de D. João I. e Beatriz, a filha
 de D. João I. e Beatriz, a filha
 de D. João I. e Beatriz, a filha
 de D. João I. e Beatriz, a filha

de D. João I. e Beatriz, a filha
 de D. João I. e Beatriz, a filha
 de D. João I. e Beatriz, a filha
 de D. João I. e Beatriz, a filha

de D. João I. e Beatriz, a filha
 de D. João I. e Beatriz, a filha
 de D. João I. e Beatriz, a filha
 de D. João I. e Beatriz, a filha

de D. João I. e Beatriz, a filha
 de D. João I. e Beatriz, a filha
 de D. João I. e Beatriz, a filha
 de D. João I. e Beatriz, a filha



QUARTO QUADRO

OS ÓDIOS DO INFANTE D. DINÍS

QUANDO Leonor Teles se apossara do coração de D. Fernando, se o sangue de Inês de Castro romperá em frouxos de despeito e de ciúme, latejando nas veias de D. Beatriz, excitara-se em iras e rancores fundíssimos na alma do infante seu irmão mais novo.

Ele vivia do orgulho de ser filho dum príncipe e, se D. Pedro I lhe dera um desequilíbrio perturbante, D. Inês transmitira-lho, igualmente, com algo da sua esbelteza e graça.

D. Dinís, o filho do rei, era galante moço, ardido e bravo, ambicioso, cheio do desejo enorme de vencer na côrte. A irmã, querida do monarca, poderia ser um instrumento para a ajuda de suas pretensões e, por isso, quando sentira a outra, a aventureira, galgando, um a um, os degraus do trôno, enchera-se de imensa fúria ao vêr os Teles sobrepassando os Castros.

O SANGUE DE INÊS DE CASTRO

Ela pertencia a uma raça de amorosos; o pai caíra sob o punhal manejado por ordem de Pedro, o *Cruel*, de Castela e, porque muito amara, a irmã do amante de Inês de Castro — a tia de D. Dinís — fôra vítima pelo veneno (1). A nova amorosa, fascinadora, altiva, volúvel nas carícias, mas firme na ambição, sabia o que lhe convinha e tudo praticava para o obter.

Deixara o marido, João Lourenço da Cunha, que fôra para o reino vizinho ostentando no gôrrão duas pontas de ouro em sarcasmo a seu estado. Chamaram-lhe «Cuernos d'Oro» e empregaram-no em tarefas contrárias ao rei de Portugal. A pérfida abandonara, também, o filho e ante o povo, cujo sétimo sentido a fazia odiar, atirava o amante contra a turba, furibunda e raivosamente.

Esperava vêr cumprida a promessa que lhe fizera de ser seu espôso, com rapidez, a-fim-de não levar as noites a pedir-lhe essa reparação do seu affecto, para que todos vissem que êle, respeitando-a, gerava os respeitos dos alheios.

A nobreza clamava mas sabia como calar essas bôcas menos numerosas e mais ávidas que as da população incorruptível.

D. Dinís espionou o drama que se desenrolava e, ao ouvir a multidão irada, rejubilara, encontrando na sua frente, em alegrias, um fidalgo velho, de grandes barbas brancas, alto, espaduado, rijo e que trazia na frente o estigma dum crime perdoado.

Chamava-se Diogo Lopes Pacheco; era o único dos matadores de D. Inês salvo do su-

(1) *A Neta da Rainha Santa* — Colecção «História».

plício e dizem que amnistiado pelo rei quando se convencera de ter sido êle apenas um assistente à tragédia na qual pretendera, até, desviar os golpes que prostraram a linda *Colo de Garça* (1).

Fôsse como fôsse, é certo que o infante D. Dinís, o filho da vitima, achou-se de acôrdo com aquela testemunha da terrível morte de sua mãe, com o conselheiro mais querido do monarca que ordenara o assassinio.

Esquecia tudo perante o ódio que o levava a desejar por terra a influência de Leonor Teles no ânimo do soberano e não lhe repugnava entender-se com aquêle personagem sinistro que vira correr o sangue da mártir e se foragira para Castela, receoso do castigo.

Já que D. João, o primogénito dos Castros, parecia tão agradado da irmã da pérfida D. Leonor, que servia esta com agrado, ao menos que encontrasse alguém — embora o próprio Satanaz — para o ajudar no seu intento, pois jámais pensara alguma coisa sem a realizar, armado do seu orgulho de filho de rei.

Encontraram-se, o velho e o moço, no mesmo desejo. O povo tanto rugira que a côrte tivera que deixar o paço, procurando, na província, o sossêgo e as homenagens negadas pela capital (2) que tinha aplausos para o infante D. Dinís respeitando-o tanto como ao antigo conselheiro de D. Afonso IV, o qual parecia, agora, o mentor do filho da amante do *Justicelro*.

Ainda no seu apurado sentir, o povo de-

(1) *Linda Inês* — Colecção «História» — 1.ª Série.

(2) *Flôr de Altura* — Colecção «História».

O SANGUE DE INÉS DE CASTRO

via pensar que para o príncipe esquecer o passado, ligando-se a um dos culpados daquela morte, era porque mais alto sentimento brotara em seu coração e êsse era o de vêr o trôno vilipendiado pela «feiticeira».

Dêste modo, em tal juízo, envolviam os dois homens nos mesmos entusiasmos, mesmo quando os viram sair de Lisboa para Santarém, onde o rei se acolhera a dar benesses, honras e mercês aos fidalgos, a-fim-de os conter.

No bôdo coube a vila de Trancoso a Diogo Lopes Pacheco, que continuou ligado ao infante a-pesar do valor da peita.

D. Leonor Teles queria a publicidade do matrimónio, realizado quási às escondidas, apenas na presença de D. Maria, sua irmã, de João Afonso Telo, filho do assassinado D. Martim, de D. João, de meia dúzia de fidalgos, pagens, escudeiros e clero.

Exigira as honras régias sem as quais sentia aflorar-lhe ao rôsto — dizia ela — a vergonha de ser tratada como uma manceba. O monarca, cativo de tanta beleza, começava por mandar dizer a Henrique II não estar já em seu ânimo a idéia do casamento com sua filha, visto ter dado a mão de espôso «a huma dama de Portugal que chamavom D. Leonor Tellez de Menezes» (1).

Preludiava-se, dêste modo, uma guerra; porém, êles seguiam, tontos de amôr, com o seu séquito de cavaleiros entre os quais ia o infante mas não Diogo Lopes Pacheco. Jornadaavam e, ao chegarem a Eixo, nas visinhanças de Aveiro, a fascinadora falou num acto

(1) Fernão Lopes — «Crónica de D. Fernando»

O SANGUE DE INÊS DE CASTRO

público que a tornasse rainha ante todos os olhares, de forma que a nação o soubesse.

Imediatamente lhe deram as arras. Passava de amante, ou de mulher recebida a ocultas, a noiva do rei de Portugal, a espôsa do «Cuernos d'Oro», do que usava, na côrte do reino visinho, os seus ultrajantes apêndices.

Os olhos do filho de Inês de Castro turbavam-se, ascuados de rancôr, à medida que viam o aumento da preponderância da intrusa. Procurara confidenciar com o irmão, levá-lo a algum acto mais audacioso, a um protesto que encontraria éco entre o povo mas topava-o muito entretido nos seus amôres com D. Maria Teles, formosura tão esplendente como a de Leonor, porém cingida no relicário duma grande honestidade despida de ambições.

Amava doidamente aquêlê príncipe, belo, magnífico, bravo, que trazia consigo muito da fatalidade materna com bastante de encanto da morta inesquecível.

Debalde D. Dinís lhe acenaria com a corôa real. Se os povos e os fidalgos derrubassem o soberano estariam êles nos degraus do sólio, impondo-se pelo nascimento e pelos actos que praticassem sentindo apoio de todo o reino.

Aquêles que ali iam, corrompidos pelas mercês reais, seriam os primeiros a repudiar a feiticeira que queria ser rainha, a fêmea impura cuja fascinação se exercia sôbre um ente fraco, prêso no mais vil dos amôres que houvera em Portugal.

Da bôca do filho da linda assassinada de Santa Clara de Coimbra, saíam argumentos fortes como se os tivesse aprendido dos lábios do velho Diogo Lopes Pacheco, sendo,

O SANGUE DE INÊS DE CASTRO

talvez, os mesmos que o astuto conselheiro de D. Afonso IV usara, outrora, para levar os punhais até ao seio da amante do príncipe D. Pedro.

O rancoroso infante, turbado pela ambição, não pensaria dêste modo; alguma coisa de ardido e de violento o levava a esquecer o passado para apenas vêr o presente no qual mergulhava também o irmão mas todo prêso nos seus amôres.

D. Fernando luzia a sua gentileza aos olhos dos cortesãos, que requestavam a favorita empenhada em receber os favores.

Diziam-lhes que a coroariam rainha e achavam bem desde que lhes pagassem a tolerância. Tinham-na visto manceba, depois espôsa oculta, sempre cativando mais o amoroso. Certamente que ninguém impediria o consórcio e a coroação.

Não imaginavam dêste modo o infante D. Dinís nem Diogo Lopes Pacheco. Se houvesse uma reacção, um gesto, uma atitude audaciosa, decerto a nobreza se revoltaria com o povo, e, acorrendo, salvariam a dignidade real.

Se o monarca não quisesse escutar as razões dos revoltosos, em nome da pátria e do decôro régio, o caminho a seguir estava indicado. Não era uma surpresa; já se realizara, outrora, quando uma mulher à qual se chamara, também, feiticeira, assaltara o coração dum rei bravo na guerra, mas tímido ante tanta beleza.

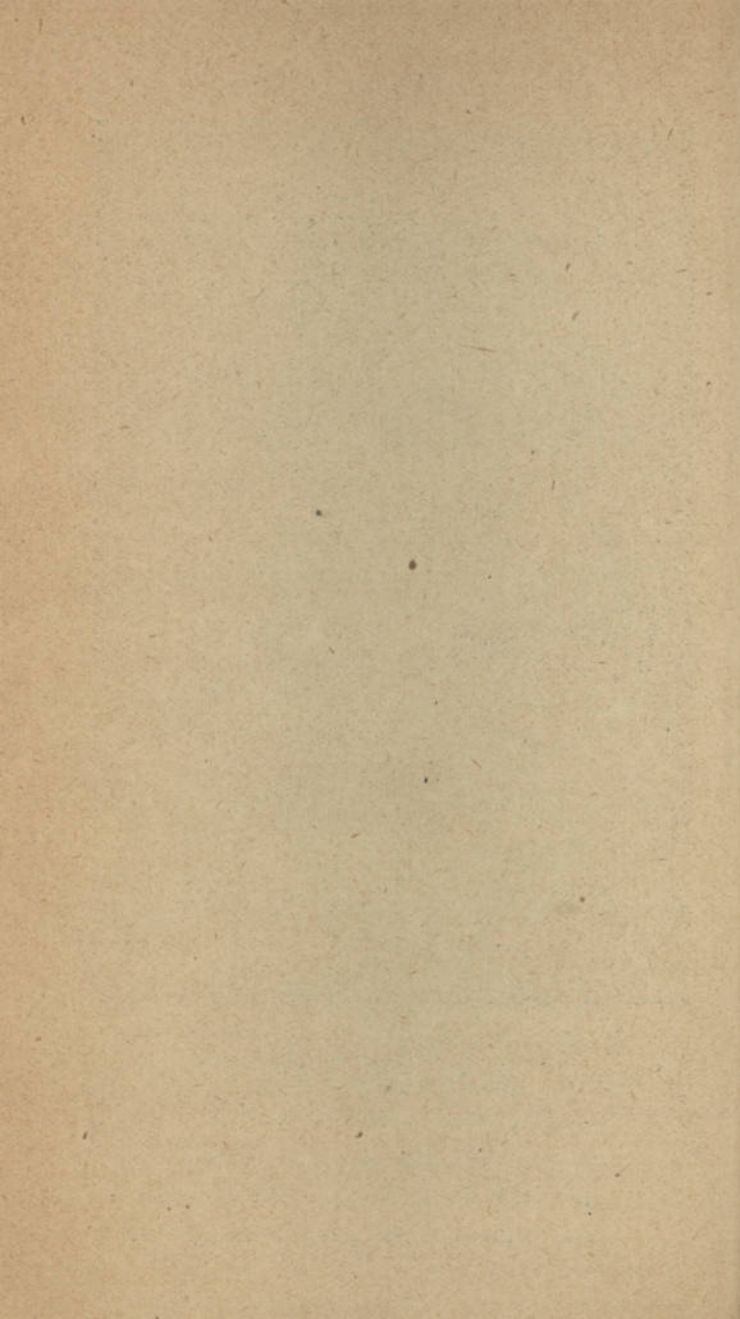
Falava-se da paixão de D. Sancho II por D. Mécia Lopes de Haro ⁽¹⁾, das enormes indignações, das queixas do clero e da fidalguia,

(1) *Menagem do Alcaide* — «*Legendas de Portugal*».



«**E**RAM os jogos e fallas antrelles tam a meude, mesturados com beijos e abraços e outros desemfadamentos de semelhante preço, que fasia a alguuns ter desõnesta sospeita de sua virgindade ser por elle mingoad.»

(Fernão Lopes — *Chronica de D. Fernando.*)



Ô SANGUE DE INÊS DE CASTRO

do ulular da arraia-miúda, da febre de indignação lavrando como uma epidemia pelo país fóra até que o rei só tivera como fiéis dôze cavaleiros a acompanharem-no até ao exílio e o alcaide de Coimbra a guardar a sua bandeira.

Sucederia o mesmo ante a nova rebeldia. O trôno vago, um sucessor — decerto D. João — a cavalgada do vencido para um reino estranho e a fascinadora, rindo, a abandonar o amante para não perder os proventos.

— A ela! A ela!... — murmurava o infante D. Dinís.

E raivava mais, ao sentir nos olhos do irmão um brilho suave de amor pela beleza de D. Maria Teles, do sangue da adúltera, da maldita.





QUINTO QUADRO

A DESCENDÊNCIA DO TRAIADOR

REVESTIRA-SE de grande brilho e pompa a cavalgada real que acompanhava o soberano para o mosteiro dos Hospitaleros de Leça de Bailio.

Ia proceder-se à sagração da rainha num trôno, diante dum altar. Os fidalgos, contentes com a paga, seguiam-na, tanto mais que o príncipe D. João pegava à rédea do palafrém montado por D. Leonor Teles. A seu lado, encavalgando um murselo, D. Fernando rejubilava mas, de quando em quando, a face tingia-se-lhe de palidez ao lembrar-se de ser bem apoucado o burgo no qual realizava a cerimónia da coroação da bem-querida.

Não se atrevera a fazer a cerimónia no Porto, receoso de ouvir, mais uma vez, o infrene tumultuar da população, que pior seria ainda ao excitar-se com o exemplo de Lisboa.

O infante D. João, belo e altivo, desempenado, com a sua gôrra de veludo emplumada,

O SANGUE DE INÊS DE CASTRO

marchando como um vencedor, sentia-se nos favores da soberana que iam aclamar, vendo-se mais perto da realeza porque se tornava o marido da irmã da espôsa régia.

Os Teles, tendo subido em categoria, nem assim sobrepassavam os Castros. Se um daquêles recebera o condado de Barcelos, o infante era o cunhado da rainha.

O primogénito de D. Pedro I acalmava, dêste modo, o orgulhoso sangue de D. Inês de Castro, porém o irmão sentia-se vencido. Cavara-se-lhe uma funda ruga na frente; à medida que se avançava para o templo, aumentava o mau humor de D. Dinis.

Estava armado o sólio. A nobreza que acompanhava o rei aproximava-se para assistir ao acto solene pelo qual se dava uma nova soberana a Portugal.

Brilhavam, à luz das tochas e do sol, que entrava pelos vitrais, os punhos das espadas, o oiro das vestes, as plumas garridas, as armas e os enfeites. Os pendões dos ricos-homens, murchos contra as hastes, pareciam os símbolos de todos os espíritos sem entusiasmos ante a solenidade.

D. Leonor Teles, mais bela do que nunca, erguia, altivamente, a cabeça aguardando que a mão do espôso pousasse sôbre os seus cabelos ruivos o diadema do poder, aquêle que a arraia-miúda de Lisboa disputava à sua beleza e à sua ambição.

A côrte, aprumada nas suas galas, via o rei pálido, os nobres cavaleiros de S. João Hospitaleiro, surgindo nos seus mantos, o clero em alas, um prelado reverente como enfeitado, também, ante tal formosura e o monarca, sentando-se no trôno, conduzindo para

seu lado aquella que era bem a dominadora absoluta de seu coração, alma e vontade.

A corôa real poisou na fronte orgulhosa da *Flôr de Altura*; scintilou, com menos brilho que o da onda fulva dos seus cabelos e, num rumor festivo, os cortesãos baixaram os olhos em respeito ao sentirem-na já sagrada, sentando-se no sôlio para receber a grande homenagem do beija-mão.

Sob o esplendor das luzes, no reflexo irrisado dos vitrais, os cortesãos pareciam figuras hieráticas dum deslumbramento irresistível.

Ela era, mais do que nunca, esplendente.

A um sinal do rei, o infante D. João avançou para a cunhada e, dobrando o joelho, após uma vénia cerimoniosa, tomou-lhe os dedos afusados na beleza fulgurante de escultura e das jóias. Era a primeira personagem do reino abaixo do soberano; cumpria-lhe mostrar-se em garbo e em submissão em honra da que o régio parente distinguira.

O primogénito de Inês de Castro beijou a mão à filha de Martim Telo, assassinado por muito amar.

Passou um rumor de aplauso nas fileiras da nobreza. Afastara-se de algumas almas certo pesadelo, o receio de que o príncipe, tão vizinho do trôno, repelisse a mulher malquerida do povo. Não sucedera assim. Ele prestou-lhe vassalagem.

Chegara a vez ao infante D. Dinis. Ergueu a cabeça com orgulho; fingiu não vêr o gesto do rei a apontar-lhe a espôsa. Por fim a voz de D. Fernando ergueu-se:

— «Beijai a mão à muito nobre e virtuosa rainha D. Leonor Teles, minha mulher!»

O SANGUE DE INÊS DE CASTRO

Todo o rancor acumulado naquela alma, talvez a esperança de vêr rebentar a revolta, pelo redobrar de audácia, e do ímpeto, bradou:

— «Não ... Não! ... Ela que beije a minha!»

E gritando, em fúrias, declarou-lhe não a aceitar como rainha de Portugal. Longe disso. Antes a repelia, a renegava.

Da sua bôca saía o protesto; a côrte, atônita, calava-se quando D. Fernando, saltando do trôno, a apertar um punhal luzente, correu para o irmão, ameaçando-o de morte.

D. Dinís encarava-o sem mêdo; em seus olhos fuzilava o rancor e só retorquiu à violência com a injúria máxima, quando sentiu que o arrancavam das garras enclavinadas do rei.

O infante D. João interpusera-se; os outros cavaleiros ajudaram-no e D. Dinís, num arremêso, insultou a rainha e saiu, com o seu pagem, deixando a côrte num pasmo.

D. Leonor Teles, lívida sob a corôa real, de pé, os lábios brancos, via o marido em ânsias de matar, raivoso, turbado, não querendo ouvir a fidalguia que lhe falava do horror dum fratricídio.

Ela sentia o grande amôr daquêle homem que mandava num reino e estava disposto a sacrificar pelos seus beijos ardentes a vida dum príncipe, de um irmão.

Era muito grande o seu poder; por mais que lhe dissessem, venceria, através de tudo, acabando, certamente, por ter o país subjogado.

Quando D. Fernando regressou, apertou-lhe docemente a mão que se ia tingindo de

O SANGUE DE INÊS DE CASTRO

sangue e, mais bela, magnífica, estendeu a dextra para os lábios mudos dos outros fidalgos.

Diogo Lopes Pacheco nem ali estivera junto do infante cujo destino se talhara naquêl momento de desespero, de indignação e de raiva.

Além fronteiras, decerto, acolheriam o foragido de sangue real e ao caudilho fidalgo que já por lá andara quando da morte da mãe daquêl príncipe excitado. Mas o infante imaginara outra coisa. Não queria acolher-se entre os inimigos da sua terra nem ajudá-los, porque perderia, entre as suas falanges, a apetecida corôa.

Decerto a ganhava de outro modo, desde que o primogénito a renegara ficando nos braços de D. Maria Teles.

O sangue de Inês de Castro escaldava-o tanto como à irmã D. Beatriz, escorraçada do convívio do rei e em breve atirada, como uma cativa, para os braços do conde de Albuquerque.

Lembrou-se de ir a Inglaterra militar na guerra contra a França, procurar um apoio no duque de Lencastre que disputava a corôa de D. Henrique II de Castela dizendo-se o herdeiro de Pedro, o *Cruel*, de quem sua espôsa era herdeira. Se o príncipe britânico vencesse, decerto o ajudaria a conquistar o trôno português.

Quando ía a caminho, foi prêso pelos piratas flamengos que infestavam os mares e aguardaram esperando bom dinheiro por sua remissão.

O monarca devia rejubilar ao sabê-lo inutilizado para a luta em mãos de corsários sem

O SANGUE DE INÊS DE CASTRO

piedade cujo fim estaria em receberem a paga por tão grado prisioneiro. Não era, porém, do erário real que saíriam os dinheiros necessários para a libertação do turbulento insultador da rainha. Abandonava-o à sua sorte, que se tornou crudelíssima, até que os flibusteiros, desenganados ou recebendo algum oiro do rei de Castela, deixaram em paz o irrequieto que se lhes chegara nos maiores assomos de raiva contra o irmão.

Encontrou ali Diogo Lopes Pacheco muito na intimidade do monarca, que escutava o velho com a mesma atenção que D. Afonso IV sempre lhe prestara. Contava setenta anos mas era rijo, bravo, talentoso e muitos serviços podia fazer ao natural inimigo do soberano português.

Deliberaram a invasão do reino e o filho de D. Inês de Castro entrou no país ao lado do assassino de sua mãe.

Avançava-se sôbre Coimbra; a guerra aturdiu tanto o moço vingativo que nem reparava no horror da sua situação. O castelhano caminhava; êle alojava-se no convento de S. Francisco, com as suas hostes, e podia vêr Santa Clara, os paços onde D. Inês vivera com D. Pedro e ao qual a tinham ido procurar o seu avô com os assassinos.

Criançinha de quatro anos, D. Dinís chorara agarrado aos vestidos da mãe; vira o avô partindo com os seus conselheiros, enquanto a formosa ficava num lago de sangue.

Muito longe iam êsses tempos. Agora apetecia outra matança, a dos cavaleiros fiéis a D. Fernando, a abertura duma clareira nas hostes para passar até ao trôno, agarrando, por sua vez, o irmão, tendo-o sob o seu pu-

nhal enquanto a *Flôr de Altura* escabujasse numa agonia demorada.

A vingança perturbava-o e, ao sentir que fatalmente a vitória se aproximaria, nem guardava mais a lembrança daquêle paço onde decorrera a sua infância no qual vira a mãe morta e onde residira sua avó — a Rainha Santa.

Junto dêle, com outros pensamentos, mais velho, mais inteligente, mais político, Diogo Lopes Pacheco contemplava a paisagem e, quando o moço se voltou, não pôde deixar de estremecer.

Era êle o filho da imolada. A voz do infante ergueu-se: só lhe falava em assassinios e o antigo conselheiro do rei bravo e terrível sorriu para o neto do que assim fôra, ao encontrá-lo valente mas desvairado a ponto de esquecer que, lá em baixo, êle assistira, se não a provocara, à morte de sua mãe, da linda Inês.

A traição que fazia ao seu país, tanto como a memória da mártir que lhe dera o ser, pagou-lha o rei de Castela casando o com sua filha D. Joana, nascida dos seus amores com D. Joana, a aragonesa, senhora de Cifuentes, Escalavra e Alba de Tormes.

O infante não parava nas suas investidas; quando o novo rei Castelhana, D. João I, invadiu Portugal, estava nas suas fileiras proclamando-lhe os direitos, tornado um fidalgo do seu séquito, renegando inteiramente as suas origens.

A irmã, D. Beatriz, gerara uma futura rainha e ficara-se na terra estrangeira; êle servia os soberanos alheios e queria, a todo o transe, esmagar as pretenções do Mestre de Avis,

O SANGUE DE INÊS DE CASTRO

seu irmão por banda paterna, como combatia contra D. Fernando cujo fim fôra desditoso.

De Leonor Teles aguardava a hora em que o genro, D. João I de Castela, a lançasse numa prisão, talvez para lhe ir dizer como a tomara em fundo ódio.

A descendência dêste sangue de Inês de Castro perdurou na Espanha. Ele dava aos filhos o nome da pátria, guardando da sua estirpe régia êsse título que lhe ficara como um sarcasmo desde a hora da sua vassalagem a rei estrangeiro.

D. Beatriz de Portugal, sua primogénita, fundou o hospício de Tordesilhas junto do convento onde foi agonisar D. Leonor Teles, quando o genro a mandou de Coimbra, com boa escolta, para a clausura na qual sua beleza se esconderia.

Dedicado à fé, o nobre rebento do infante traidor viveu em obscuridade.

Seu irmão, D. Fernando de Portugal, alcançou uma das maiores honras que o castelhano lhe poderia dar: grão-mestre da Ordem de S. Tiago, com a comenda de Oreja, tornando-se espôso de D. Maria de Torres.

D. Pedro de Portugal, o último fruto do consórcio do filho de Inês de Castro, também obteve o senhorio de Colmenajaro, sendo da maior nobreza do país que acolhera seu pai como receberia seu tio D. João, cujos passos loucos o iam levar ao exílio.

A fatalidade pesava sôbre esta raça de mulher formosíssima cujo amôr a conduzira muito perto do trôno e à morte. Dos filhos da sua paixão, D. Beatriz tivera por filha uma rainha mas agonisara em tortura, malavinda e malquerida, sendo condessa de Albuquerque

O SANGUE DE INÊS DE CASTRO

quando, através de incesto, sonhara a realeza de Portugal.

D. Dinis acabava do mesmo modo sem satisfazer as ambições e com o labéu de traidor estampado na fronte, para sempre, acolhido a má sombra quando podia ter tomado o papel do Mestre de Avis ou ajudado na luta para se eleger rei português.

A êle não fôra um amôr que o perdera mas, ante uma loucura amorosa de D. Fernando I, se desfizera todo o seu futuro.

Era condenado em Portugal o sangue da encantadora D. Inês de Castro.



quando, através de Inês, sonhara a renovação de Portugal.

D. Dinis acabava de mesmo modo sem usar as armaduras e com o labéu de traidor estampado na fronte, para sempre, recolhido a uma sombra quando podia ter tomado o papel do Mestre de Avis ou ajudado na luta para se eleger rei português.

A ele não fora um amor que o perdesse, mas ante uma loucura amorosa de D. Fernando I, se desviara todo o seu futuro.

Era condenado em Portugal o sangue da encantadora D. Inês de Castro.





SEXTO QUADRO

OS PROJECTOS DO INFANTE D. JOÃO

D LEONOR TELES era rainha; porém, não gozava sossêgo. As suas noites, quando o amôr lhes fugia, eram de torturas enormes porque pensava na possibilidade das derrotas infligidas por alguns ambiciosos, seus inimigos, cultivadores da sensibilidade popular.

Existia entre a sua pessoa e a arraia-miúda um duelo terrível no qual não queria ser a vencida e, por isso, atentamente, espionava quem lhe pudesse fazer sombra.

O ódio da turba contra o rei e a consorte era insofismável e, como o príncipe que vivia mais perto do trôno, o seu natural e possível herdeiro, era D. João, filho de D. Inês de Castro e de D. Pedro I, para êle se voltavam os cuidados e atenções, a-pesar-de já ter nascido do enlace real uma princesa, Beatriz, como a tia, condessa de Albuquerque.

O pai, na sua volubilidade costumada, da-

Ó SANGUE DE INÊS DE CASTRO

va-lhe noivos ao capricho das alianças políticas, embora a menina não contasse ainda nove anos. Um dos indigitados para os esponsais era D. João I, o novo rei de Castela.

A rainha bem via quanto essa ligação matrimonial desagradava à turba, mas compreendera, também, a força do futuro genro defendendo o seu poder, esmagando os audazes lisboetas sob as patas dos cavalos estrangeiros e daí o pôr de lado os receios ante os tratados a celebrar.

Por esta época, o povo voltava-se mais para o infante. De repente, fez-se um grande luzeiro de terror no espirito da soberana.

Bem sabia quanto D. Maria Teles, sua irmã, era mais querida e mais bela. A sua fama de viúva requestada desde os dezoito anos, em que ficara com o filho e a sua honestidade, aumentara ao compararem-na com a dissolução que ia pela côrte. Ao saberem-na espôsa do infante, mais a bem-queriam.

Enquanto Leonor Teles, com o seu séquito de lindíssimas mulheres pervertidas, escandalizava os costumes, a irmã vivia no seu palácio de Coimbra, toda entregue ao amôr do espôso e, pensando no herdeiro do nome de seu primeiro marido, criança ainda, que a tia alçara a grão-mestre dos Cavaleiros de Cristo como para comprar a parentela.

Todavia a desconfiança de que para a formosa e honrada D. Maria fôsem os votos dos descontentes desde que o irmão do rei disputasse o trôno, fizera-a meditar fundamente no poder da popularidade.

A família dos Castros só tinha dois representantes a defrontarem-se com os ilustres membros da grei dos Teles e seus aliados.

Eram D. João e D. Alvaro Pires de Castro, irmão da linda Inês, pai de uma filha encantadora mas cujas opiniões a rainha comprava com benesses e mercês.

O donaire, a graça, a valentia, até mesmo certo pendor popular, que D. João revelava, eram outros tantos motivos para o temer tanto mais que, sendo esforçado, valoroso, grande caçador, como o pai, capaz de levar semanas inteiras nos brejos, em cata de prêsas de vulto, a legenda dos seus feitos e valor crescia assustadoramente para o espírito da soberana, receosa da possível rivalidade a estabelecer-se.

A todas as qualidades, apreciadas pela multidão, juntava, o detestado émulo, outras que muito o auxiliavam pois era querido das damas. Desfalcavam-lhe tantos dotes a tara da irreflexão, do ímpeto, alguma coisa da feroz índolo paterna e a falta de letras e de são juízo junto às ambições devastadoras.

Orgulhoso, sabendo-se amado da rua e de alguns fidalgos, volúvel no amôr, deixava a espôsa meses a fio sòzinha em Coimbra, de tal maneira a abandonava, que corria ser ela apenas sua amante, não querendo reconhecer o pacto secreto de seu consórcio.

De quando em quando, lembrando-se dos encantos da formosa, da sua carne perfumada, macia e branca, do fulgor dos seus olhos, da beleza dos seus cabelos, da ternura e meiguice com que o sabia amar, largava, à rédea sôlta, de Lisboa, parando em Tomar, uns minutos, a vêr D. Lopo Dias de Sousa, o gentil e moço grão-mestre de Cristo, filho de D. Maria, e arremessava-se para o burgo onde D. Inês fôra assassinada.

O SANGUE DE INÊS DE CASTRÔ

Deixava-se ficar umas semanas nos braços adoráveis que o tentavam e fugia-lhes de novo para ir às suas caçadas, aos seus encontros de sociedade, aos seus conciliábulos palreiros.

Ela esperava-o sempre, sorrindo, disfarçando o sofrimento, a amargura, as dôres da ausência, consolada ao saber da chegada súbita do amado, pronta a esquecer o abandono.

Havia quem murmurasse na côrte contra o casamento da princesinha D. Beatriz com o castelhano. Sentia-se não ter sido preciso batalhar tanto contra as gentes de além-raia para, no fim, fatalmente, Portugal vir a ter rei estrangeiro.

As atenções voltavam-se para D. João, não se fazendo ainda caso do Mestre de Avis, tido por filho duma concubina de D. Pedro I, enquanto que o outro nascera da união do rei com a formosíssima Inês. E aquêlê consórcio, do qual se duvidara outrora, quando assim convinha à nobreza, começava a aparecer, nítido e indiscutível, tanto mais — afirmava-se — que o monarca não se atreveria a dar sepultura régia em Alcobaça a uma senhora por matrimoniar, embora muito amada.

Redobravam as probalibidades de se vêr o infante à frente dum partido e a rainha, envolvendo tudo nos ardis em que era mestra, começou a pensar na maneira de vencer aquêlê Castro, como afastara os outros de Portugal.

João Afonso Telo, irmão de D. Leonor e de D. Maria, alferes-mór do reino, foi o encarregado de se entender com o jóvem ambicioso dando-lhe a certeza de quanto a cunhada o amava. Era tanto, que se êle não fôsse casado,

O SANGUE DE INÊS DE CASTRO

gostaria de o ter por genro garantindo-lhe assim a corôa. D. Beatriz, em vez de se tornar rainha de Castela e de Portugal unidos, seria a espôsa do príncipe, seu tio, em tudo tão agradável aos portugueses.

Talvez que tais dizeres fôsem apenas uma maneira de lhe captar as simpatias, eis o que se podia imaginar se acaso não tivessem aparecido outros sintomas de mais pérfida e terrível maquinação.

O ambicioso ficou como louco e amaldiçoou o casamento que fizera, dizendo-se desgraçado visto ter perdido um trôno pela loucura de um amor. Entrevia a mulher adorável como um impedimento à sua marcha triunfal; rebelou-se contra o sentimento, o desejo que o tomara e teve uma ansiedade intensa de se libertar guindando-se aos mais altos lugares do reino, enquanto não punha na cabeça a corôa pela qual sua mãe fôra vitimada.

Entristeceu; melancolisou-se. A soberana conhecia muito bem aquêlê ânimo, ardente e volúvel, capaz de todas as loucuras para satisfazer uma ambição e, tendo-lhe dado semelhante esperança, aguardava os resultados que a defenderiam de possíveis investidas.

Assaltar um trôno com os fidalgos e a população, na hora do trespasse de D. Fernando, não querendo a aclamação de um rei estrangeiro, casado com uma princesa nacional, era acto muito lógico a realizar-se e, desde que se dissesse, por bôca da rainha, preferir-se a tudo isto um português marido com a herdeira do sólio real, atenuar-se-ia muito o mau conceito em que se tinha a «feiticeira».

Seria, porém, apenas isto? Não visava mais longe a intriga tecida?

O SANGUE DE INÊS DE CASTRO

O que certamente se definira fôra a cólera do infante em sentir-se ligado a D. Maria Teles.

Em breve deixara de a ir visitar, procurava folguedos de outras espécies, andava mais nas caçadas, freqüentava a miúde a côrte e mostrava-se em requestos à rainha como o melhor dos seus cortesãos.

Ela compreendia-o. Por um lado atrelava-o ao seu carro; por outro sabia-o impossibilitado de lhe pedir a mão da filha, desde que estava casado e não podia divorciar-se.

E se acaso o fizesse? Não praticara ela — D. Leonor Teles — do mesmo modo com o espôso?

Depois aparecia-lhe a irmã triunfante, ocupando o trôno de que ela seria apeada desde que D. João procurasse apoios na nobreza e no povo e preferia tudo, o pior dos males, as mais terríveis situações, a essa queda de tão alto, quem sabe até que bártatro!

Uma prisão, um convento, a sepultura?! Era nova, muito bela, capaz de amar alguém que agitava seu coração, um fidalgo, forte e belo, inteligente, em cujos braços delirasse, e para isto era necessário arrojarse, de uma só vez, os embaraços aos seus sonhos de altiva, de fascinadora, de mulher habituada a vencer.

Fôsse como fôsse, acabassem os seus inimigos de qualquer modo; no entanto que lhe ficasse garantida a vitória e seria feliz.


Enquanto a soberana pensava dêste modo, no ânimo do infante iam nascendo os pródromos de uma tragédia.

Se não fôsse casado . . . O trôno, a corôa a realêza . . .



SÉTIMO QUADRO

OS GOLPES DO AMBICIOSO

 TIO de D. João, Alvaro Pires de Castro, a-pesar-de muito honrado pela rainha em títulos e proventos, não perdia aquela ansiedade de se aproximar mais do trôno. Sentia-se vencido pelos Teles; empalidecia a estrêla dos Castros, tão brilhante no tempo de D. Pedro e mesmo no de D. Fernando, quando o rei se dera a amar D. Beatriz, agora condessa de Albuquerque.

Uma prima desta, filha de D. Alvaro, não desmerecia das graças da família; e, depois da partida da noiva do conde castelhano, era em tôrno de D. Isabel de Castro que se reuniam os galãs em êxtase por tanta beleza.

Foi num dia de festa no palácio do chefe da casa, quando todos requestavam a belidade, que mais se acentuou a cólera na alma do infante D. João.

Os fidalgos, seduzidos, mal se achegavam ao irmão do rei, que meditava no seu futuro; porém, a certa altura, o conde de Barcelos, o irmão de D. Leonor Teles, deu-se em mostrar

O SANGUE DE INÊS DE CASTRO

umas armas bem corregidas vindas, em seu dizer, de Inglaterra, mas que tinham pertencido à soberana.

Uma das paixões do infante eram, exactamente, os belos instrumentos de morte — adagas, facas, punhais, bulhões — como se o lampear do ferro que lhe matara a mãe ficasse sempre em suas pupilas como um deslumbramento, em todo o horror da sua pujante fôrça.

Sendo grande caçador, as armas garantiam-lhe tanto mais a vitória quanto melhores fôsem de têmpera; não podia esquecer a beleza dos punhos, o brilho dos gumes, a flexibilidade das fôlhas polidas e como guerreiro donairoso amava, também, as armaduras tauxiadas, as cotas, os bacinetes, os coxotes e braçais, que tornavam mais garridos os batalhadores, defendendo-os, dos tormentosos golpes.

Desvanecia-se na admiração pelos exemplares que lhe apresentavam e uns fidalgos britânicos, entusiasmando-se, puzeram-se a louvar aquêles excepcionais ferros tão bons em segurança das lâminas como magníficos nos seus adornos.

Decorria o festim em que as copas se enchiam, de mão em mão; as mulheres deslumbravam, uma loucura se apossava de todos e D. Isabel de Castro, rodeada dos cativos, passara, num arrebatamento, arrastando os moços tontos com a graça do seu andar.

Ao tempo, o conde de Barcelos, vendo o infante prêso na contemplação do punhal de brilho incandescente e da magnífica cota, bateu-lhe no ombro e disse-lhe:

— São vossas, se assim as quereis... Eu vo-las dou...

O SANGUE DE INÊS DE CASTRO

A mão do filho de D. Inês de Castro tomou o punho do bulhão; demorou-se a experimentar a rijeza do gume e da ponta, ao passo que em roda de sua prima os galanteios prosseguiram de tal modo que o comendador de Elvas murmurava, ante a côrte que se fazia à formosa:

— Mulher louvada, é mulher perdida!

Ouviu-o o vèdor do príncipe e voltou:

— Quasi nenhuma escapa!

Quando acabou de se deslumbrar com a posse do presente que lhe ofertavam em tanta gentileza, D. João, voltando-se para aquêles fidalgos, perguntou-lhes, a súbitas:

— Que quereis dizer com mulheres louvadas e perdidas?

O comendador não hesitou e declarou não ser de boa prática lisongear-lhes a formosura, enchê-las de vaidade, fazer acreditar, a essas cabeças tontas, que sem a sua beleza não haveria outras no mundo.

Contava que elas, ao comêço, se habituavam a bem-querer quem de tal modo as celebrava; porém, pouco a pouco, achando monótona a mesma voz, procuravam outras que as desenfastiassem.

Num ímpeto, bem de seu feitio, turbado de ânimo pela idéia que o alanceava, o príncipe perguntou-lhe se ouvira dizer alguma coisa de D. Maria Teles antes de se tornar sua.

O festim continuava no maior brilho; as músicas começavam a ouvir-se e iam chegar os bailarinos quando êle tornou, insistindo, numa ordem sacudida:

— Vamos, fala... Que ouviste?...

E o vèdor, ràpidamente, querendo fugir-

-lhe, desejoso de se aproximar dos que assistiam às danças, lançou-lhe a resposta num desembaraço de quem mal acreditava na honestidade das mulheres muito requestadas:

— Senhor, como as outras, é . . .

— Que queres dizer?

Agarrara-o em fúria; sacudira-o. Luziam-lhe nos olhos as áscuas iguais às que deviam brilhar nas pupilas de D. Pedro ao mandar que justicassem os assassinos de Inês.

Quis que dissesse se ouvira falar dela como das outras; se também se dava a galanteios, se os aceitara, se os escutara e como o outro, ou num propósito ou por simples má língua, a misturasse no mesmo pensamento, êle quedou-se, lívido, sentindo tumultuar-lhe no cérebro o choque da ambição e do desespero.

— Enfim, é vezo das formosas!

Não quis saber mais nada. Sentiu-se habitado a praticar o que chamaria sua justiça e não passava da voz de sua ambição, levando-o ao crime.

Poderia ter inquirido se a espôsa amara alguém, arrancar ao insinuador coisas mais positivas, saber os nomes dos galãs, dos namorados, dos amantes. Mas não; o que êle desejava aparecia-lhe ali como num sortilégio e não buscava as razões. Até as armas para a punição chegavam a êsse sarau.

E ela, tonta de amôr, inocente, mal sabendo como a babujavam, só tinha o pensamento nêle, aguardando-lhe a hora dos caprichos pela sua carne e querendo-lhe como uma desvairada.

Acaso aquêle homem a amara?

Por parte dela, a paixão existia; era um

élo fortíssimo a ligá-la ao marido que entrava a sentir-se ludibriado.

Quisera ser espôsa por ambição; fingira-se ingénua; a fama de honesta era mentira.

D. João, ao pensar dêste modo, não analisara mais, porque o chamava o desejo de subir ao trôno ao lado da sobrinha, da princesa D. Beatriz, e só o conseguiria desembaraçando-se da que, sem mais reflexão, capitulava de pérfida. Confidenciou com o tio, atirou-lhe como uma certeza o que era apenas uma intriga grata ao seu espírito, e o outro, sentindo uma Teles esmagada na alma de um Castro, não quis saber porque êle se movia assim na ira funda que o levava a encavalgar o corcel, fegoso, arrastando consigo o séquito e atravessando os campos a entestar a montada para Coimbra.

Nem sequer se detivera, como de costume, em Tomar, a vêr o enteado, o quási infantil Mestre dos Cavaleiros de Cristo. Levava firme a intenção. Julgava ir vingar-se de ultrajes impossíveis; porém, apenas se preparava para satisfazer o seu desejo de reinar. Livre, poderia desposar a herdeira da corôa de Portugal.

Os seus pagens e escudeiros mal o podiam seguir na correria. Coimbra, que vira o infante D. Dinís, ao lado de Diogo Lopes Pacheco, contemplando o paço e o convento de Santa Clara, assistia, naquela madrugada, à passagem do infante que levava tanto na mente um crime como, outrora, o albergavam nas almas os homens que lhe mataram a mãe, tão inocente como a pobre D. Maria Teles.

Galopavam os cavalos numa desabalada carreira; vinha longe o dealbar; e o vingador em seu sentimento assim se considerava; não

O SANGUE DE INÊS DE CASTRO

se detinha nem um momento para ser mais prestes no horror que meditara.

Nem lhe acudiu a idéia da linda Inês sacrificada como êle ia imolar aquella nova vítima. Do sangue materno que gerara uma semi-incestuosa e um traidor, ia brotar um assassino.

Apeou-se da montada no limiar da casa, afastou uma mulher que saía com sua trouxa, a caminho do Mondego, subiu a escadaria de ímpeto, com mêdo de perder a idéia tonta que o açambarcava, e, arrombando a porta, entrou na alcôva alumuada docemente por uma lâmpada a cuja luz a inocente dormira.

Acordada em sobressalto, saltava do leito, talvez para o abraçar, e, ao vê-lo com o punhal erguido, em fúria, mal teve alento para lhe perguntar qual a sua culpa. Arremessou-a cruelmente ao tapete do aposento, rasgou-lhe a camisa com as mãos brutais e entrou a golpear-lhe o corpo, nu e belo; traçou-lhe as virilhas como a querer chancelar, nesses golpes infames, uma traição que a desditosa não praticara.

Por terra, num lago de sangue, os olhos cheios de pasmo e de lágrimas, vítreos, mortos, ficara, no aposento dos amôres, o cadáver da infeliz.

A' entrada, os cavaleiros e os pagens descobriram-se diante do corpo ferido fundamentalmente e alguns dêsses rudes homens de guerra e de prêsa choravam em silêncio.

D. João afastou-os num impulso rijo; correu de novo para o cavalo cansado e, sem palavra, esporeou-o, partindo em direcção à estrada, seguido pelos seus, como outrora D. Afonso IV depois do assassinio da mãe daquêlê matador de sangue real.



OITAVO QUADRO

O SANGUE DE INÊS DE CASTRO

A MORTE de D. Maria Teles gerou um brado de horror com a reprovação geral. Estava muito alto o príncipe para que o alcançassem as justiças vulgares. Sobretudo a falta de prova, de bases certas com que pretendia justificar o seu acto, irritavam os adversários dos Castros e as vozes indignadas soaram mais alto quando se conheceu o passo que dera ante a rainha. Falara-lhe do consórcio com D. Beatriz, na sucessão da corôa, como seu genro e ela, cobrindo o rôsto, a mostrar uma enorme dôr, o repeliu e fez constar tal propósito como se não tivesse partido do paço a proposta ou a insinuação para o enlace.

O infante tomara por uma certeza, por uma instigação à violência, o que não passara da boa-vontade da soberana a seu respeito.

O crime marcava-se, claramente enraizado, na ambição e, sem aquêlê scenário das

O SANGUE DE INÊS DE CASTRO

armas que lhe ofereceram, longe das palavras àcêrca das mulheres requestadas, dir-se-ia não ter havido sequer um leve propósito de o conduzir àquele desvario.

Pasmara; julgava-se muito seguro do triunfo e verificava a derrota tanto mais que o irmão, pusilânime e guiado pela rainha, o abandonava à fúria dos contrários.

D. Lopo Dias de Sousa, o juvenil Mestre da Ordem de Cristo, convocara os seus cavaleiros, luzira diante deles o seu punhal e, com as pupilas incendiadas de fúria, ganhara, para a sua amisadê, tais experiências servindo esperanças que enchiam a sua alma de criança ferida num grande amor de filho.

Sentiu em volta o apoio dos guerreiros e, junto aos Teles, partiu a dar caçada ao ambicioso assassino.

Êle, com os guardas de que dispunha, fingiu largar para uma montaria. Levava as matilhas e, tendo bem perto de si os mais fiéis amigos, os cães *Bravor* e *Rabez*, que dormiam em sua alcôva, tanto amor lhes tinha, acabara por querer refugiar-se em lugar onde pudesse escapar à raiva dos adversários.

Eram muitos contra êle. Toda a cavalaria do mestrado, os parentes da vítima, os seus parciais e ainda a nobreza espicaçada pela rainha, que querendo, em seu dizer, vingar a morte da irmã, no fundo buscava dar caça ao último dos inimigos, ao ameaçador membro da familia dos Castros.

Parecia divinizada pela raiva; falaria, ao marido, do seu amor fraternal, e êle, que também receava o antagonista, entregava-lho, recusando-se a armar gente em sua defesa.

As hostes galopavam à procura do infante;

O SANGUE DE INÊS DE CASTRO

corriam montes e vales em busca do seu fôjo e encontravam apenas as trilhas pelas quais passara como um foragido, em direcção ao Douro, mas impotente para dar batalha.

Rugiam muito perto de D. João as cóleras das mesnadas; entendera que melhor seria passar a raia, não fôsse cair numa cilada igual à anterior. O génio mau da *Flôr de Altura* vencera-o. Meses antes, era o homem bem-querido do povo e da fidalguia, o vulto para o qual se voltavam as aspirações e as esperanças dos descontentes e, naquele momento, não passava dum ser odiado e foragido, tendo por único recurso ir em súplica de abrigo à côrte do rei estrangeiro e inimigo.

Com efeito, atravessou a fronteira. Henrique II acolheu-o como a um parente, fundando, talvez, sôbre êle a idéia de o tornar um balsão na futura guerra contra Portugal. Entraria na luta como pretendente ao trôno desonrado por Leonor Teles. Embora tivesse decaído muito a sua popularidade e o número dos seus partidários, ainda alguns o acaudilhariam e daí a atitude do monarca que já recebera o infante D. Dinís e o tornara seu genro.

Havia o soberano outra filha, esta legítima, de nome D. Constança, e deu-lha por espôsa, esperando vê-la subir ao sólio português.

Os filhos de D. Inês de Castro, vivendo além-raia, constituíam ainda um perigo para o rei D. Fernando, tanto mais que nenhum deles hesitara em entrar no país, em som de guerra, como fizera o infante D. João indo pôr cêrco a Elvas quando o castelhano invadira o território em luta arrebatada e fera.

Feitas as pazes, ligada D. Beatriz ao conde

O SANGUE DE INÊS DE CASTRO

de Albuquerque, passando a herdeira do trôno a espôsa do futuro rei D. João I, tudo se aquietou e o assassino de D. Maria Teles pôde gozar em paz dos seus bens e travar novos amôres, pois, sendo sempre belo e donairoso, encontrara donas apaixonadas.

Pela morte do rei de Castela, subindo ao trôno seu filho, iam atear-se de novo os dissídios.

O monarca português também se finara e o príncipe que se tornara o novo adversário de D. Leonor Teles, o Mestre de Avis, encontrava elementos para a combater.

Naquela época, em que tanto se respeitava o direito da sucessão, o filho de D. Pedro I, alçado a Defensor do Reino, mandara emissários a Castela, a-fim-de solicitarem do infante poderes para actuar em seu nome.

Seria êle o rei escolhido como primogénito de D. Pedro I.

O rei de Castela compreendeu o perigo e mandou prender o tio, quando deliberou entrar em Portugal a exigir que se cumprissem os tratados. A corôa era de sua espôsa, D. Beatriz.

O primogénito de Inês de Castro tornava-se seu prisioneiro; nenhum poder humano o arrancaria dos ferros, e êle entronizar-se-ia, ao lado da espôsa, tanto mais que a sogra o chamara, desvairadamente, em seu auxílio ao sentir engrossar o partido do outro cunhado que se tornara o ídolo popular (1).

O que ela pretendia destruir em relação aos Castros aparecia-lhe encarnado no novo adversário e êste mais de temer porque era

(1) Legendas de Portugal—*Os Ardis da Flôr de Allura*

um rei alçado pela rua, numa aclamação espontânea.

D. João I invadiu Portugal e deixou encarcerado o que podia transtornar-lhe os planos e, antes de ir aniquilar-se em Aljubarrota, esperou muito daquela sua decisão de guardar com bons ferrolhos quem o podia prejudicar.

O príncipe assassino pagava na terra alheia a sua desmedida ambição. Coisa alguma lhe valia, nem as lágrimas da espôsa nem os pedidos dos irmãos, menos suas juras de não querer reinar.

O soberano descobrira as razões porque assim procedia. Mandara dizer ao Mestre de Avis que deixasse de falar em seu nome, a-fim-de não agravar a sua sorte, o cativo. Só por isto. No fundo do seu peito continuava a reverter a ambição mais desenfreada e que o monarca alheio continha no âmbito da fortaleza.

Por fim, reinou em Portugal o vencedor, sob o nome de D. João I, sendo o pai dos «inclitos infantes».

Num cárcere, em terra estranha, acabaria o príncipe do sangue agitado de D. Inês de Castro.

Finou-se sem amparo. Era o castigo.

Nasceram três filhas do seu consórcio com a princesa D. Constança. Tomaram, como as primas da prole de D. Dinís, o apelido de Portugal. Chamaram-se D. Maria, D. Joana e D. Beatriz, casando a mais velha com Martim Vasques da Cunha, a segunda com Lopo Vaz da Cunha, sendo a mais nova espôsa de D. Pedro Nuno.

Aquêles Martim Vasques devia ser o herdeiro do que nas côrtes de Coimbra se tor-

O SANGUE DE INÊS DE CASTRO

nara o paladino das aspirações do príncipe clausurado, o chefe dos ataques contra os partidistas do Mestre de Avis, à frente dos quais estava Nuno Alvares Pereira.

O filho da grande apaixonada também amara e dos seus affectos vieram ao mundo três bastardos, D. Afonso, D. Pedro, que se chamaria, por sua bravura, «o da Guerra» e D. Fernando, ao qual caberia, em Portugal, o senhorio de Bragança.

O mais velho destes netos de D. Inês teve descendência nas casas de Cascais e de Monsanto porque D. Alvaro Pires de Castro, obtendo o condado das mãos de D. João I, também recebera por noiva D. Isabel da Cunha, neta de João das Regras e de D. Branca da Cunha, espôsa daquele bastardo do infante D. João, seu primo.

Celebrado foi D. Pedro, «o da Guerra», notável em todos os pleitos e lutas do seu tempo.

Seu irmão D. Fernando, com o senhorio de Bragança, houve grande poder.

Aquêlê tornou-se espôso de D. Teresa, filha do conde de Andeiro, do amante de Leonor Teles, assassinado pelo Mestre de Avis, no paço de Apar de S. Martinho.

Assim, um neto do infante D. João veio a ligar o seu sangue ao da sucessora e herdeira do homem idolatrado pela irmã da princesa, mulher do infante e que a matara cruelmente.

O senhor de Bragança ligou-se a D. Leonor Coutinho, filha de Vasco Fernandes Coutinho, fulcro da nobilíssima estirpe dos Marialvas, cujos descendentes deviam ganhar o título de marechais do reino, vindo um deles a ser marido — singular acaso! — de D. Maria

O SANGUE DE INÊS DE CASTRO

de Sousa, nascida dos amores de D. Lopo de Sousa, Mestre da Ordem de Cristo e filho de D. Maria Teles, a vítima de D. João de Portugal.

Dêste modo se perpétuou, em nobres casas, o sangue de Inês de Castro cujos filhos, infelizes como ela, fôram vítimas das suas paixões de coração ou dos amores que jámais deixaram de florescer, violentos ou ternos, apaixonados ou suaves, na bela terra de Portugal.





L